

A VERDADE DA PALAVRA MÍTICA UMA ANÁLISE DO MITO DE ÉDIPO

VANESSA BRASIL CAMPOS RODRÍGUEZ

Universidade Salvador – UNIFACS

Vanessabrasil.rodriguez@gmail.com

RESUMO

A palavra mítica é verdadeira porque funda a condição humana, a dimensão do simbólico. O texto mítico de Édipo nos convoca a uma travessia em cujos meandros o leitor/espectador vê encenados os seus próprios conflitos interiores. Procuramos fazer da leitura um percurso através de uma rede, de cruzamentos de significantes, partindo dos múltiplos jogos de sentido para chegar a isto que nos aguarda no texto: o desejo. Édipo revela-se como um mito exemplar, fundador e espaço de uma palavra verdadeira.

PALAVRAS-CHAVE: Mito. Édipo. Sentido. Palavra verdadeira. Simbólico.

RESUMEN

La palabra mítica es verdadera porque funda la condición humana, la dimensión de lo simbólico. El texto mítico de Edipo nos convoca a una travesía en cuyos senderos el lector/espectador ve escenificados sus propios conflictos interiores. Procuramos hacer de la lectura una travesía a través de una red, de entrecruzamientos de significantes, partiendo de los múltiples juegos de sentido para llegar a esto que nos aguarda: el deseo. Edipo se revela como un mito ejemplar, fundador e espacio de una palabra verdadera.

PALABRAS CLAVE: Mito. Edipo. Sentido. Palabra verdadera; simbólico.

A Antropologia e o Mito

Toda cultura se lhe falta o mito perde sua energia natural, saudável e criadora: apenas um horizonte circundado de mitos outorga plenitude e unidade a um movimento cultural inteiro.

F. Nietzsche

A palavra está na origem do ser. Neste sentido é fundadora: funda o sujeito e o espaço simbólico. Isto é, a palavra verdadeira é mais que signo porque está diretamente vinculada ao sujeito e porque o inaugura em um intercâmbio simbólico¹. Esta é a dimensão fundadora da palavra no campo humano, campo do inconsciente.

É necessária uma palavra que articule a verdade para o sujeito. Em outros termos: a verdade é uma palavra que permite ser, que abre caminho à subjetividade. É a palavra simbólica porque vem do outro em forma de dom, atravessa um corpo, instaura a lei e desta operação nasce o sujeito, e nele, o inconsciente.

Por isto nos interessa o texto mítico, porque vai nos permitir situar a dimensão da verdade, uma verdade que existe no terreno da palavra.

O texto mítico constrói um espaço que pode ser verdadeiro. E é justamente a palavra o que estava presente no começo dos tempos, antes inclusive que os signos. Esta palavra é geradora, é ação, é um Verbo. Tomemos como exemplo a Bíblia, o grande texto mítico da civilização ocidental: “No início era o verbo, e o Verbo estava em Deus, e o Verbo era Deus. E estava no princípio em Deus. [...] E o Verbo se fez carne e habitou entre nós.” (Bíblia, Gênese)

No texto bíblico uma palavra vem de cima, atravessa o corpo e se instala entre os homens. Esta palavra, Verbo ou Deus, no texto mítico circula, é doação e é fruto de um intercâmbio simbólico.

¹ Podemos encontrar no sentido da expressão “dar sua palavra” um perfeito exemplo de como a operação de intercâmbio simbólico se processa no nível de uma palavra dada e de como todo o ser se vê envolvido neste ato de doação.

O Verbo, isto é, a palavra. Mas a palavra nomeada em sua dimensão mais ativa: em essa dimensão da ação — diríamos também da práxis — que é a do verbo. Então: a ação por antonomásia da linguagem, isto é, no dizer, o nomear, como esse movimento fundador pelo qual a linguagem recobre o real configurando o mundo.

O Verbo é, pois, a palavra no seu movimento mesmo de dizer, de nomear, no movimento, portanto, da enunciação. De maneira que o Deus do Gênesis é identificado como a palavra-enunciação, isto é, como a palavra que cria o mundo proferindo-o, nomeando-o, enunciando-o. (GONZÁLEZ REQUENA, 1998,15-16, tradução nossa)

Atrever-nos-íamos a dizer que a palavra, que é Verbo, estaria no momento exato da origem do “*homo simbolicus*”. Lançamos mão aqui desta liberdade semântica para caracterizar este estágio do homem que é derivado da passagem do paraíso imaginário à ordem simbólica.

À luz destas reflexões iniciais nos propomos a fazer uma análise do mito de Édipo, pois acreditamos que é um mito fundador, constituinte da subjetividade humana. As disciplinas que guiam nossa pesquisa são a antropologia do mito, a psicanálise, a semiótica e a teoria do texto. Partimos da noção antropológica do mito e nos apóiamos, em boa parte, na psicanálise. Desta disciplina nos baseamos na teoria da linguagem, em sua relação direta com a constituição da subjetividade humana. Por sua vez, a semiótica narrativa nos permitirá uma formalização da análise. Deste ponto, trataremos de transcender a uma teoria do relato capaz de conceber os personagens como “*locus simbolicus*” e suas ações estruturadas por uma matriz de sentido.

Édipo, um mito universal

O mito de Édipo é conhecido por todos, mas se o leitor quiser reavivar a memória vale à pena recordar este intrigante texto da Mitologia Grega.²

Tudo tem início com uma predição: o Oráculo de Delfos anuncia a Laio, rei de Tebas, que “o destino lhe havia reservado o infortúnio de morrer pelas mãos de seu filho”, um que nasceria da união com Jocasta, sua mulher. Laio não dá muita importância, pois o oráculo fala por intermédio de uma pitonisa o que lhe sopra Apolo, o deus do Sol (patrono da verdade e da profecia), aos ouvidos, e resolve ter um filho com sua esposa. Mas ao nascer Édipo, lembra-se da maldição e temendo que ela se cumpra, o rei tebano abandona o filho no monte Citerão, atando-lhe os pés.

Ouçamos Jocasta na obra de Sófocles: “[...] Não haviam ainda cumprido três dias da vida do menino e Laio, depois de amarrar-lhe as articulações de ambos os pés, ordenou que mãos estranhas o precipitassem numa montanha inacessível.” (SOFOCLES, 1990: 209, tradução nossa) Mas o destino quis que Édipo fosse recolhido por alguns pastores e levado ao rei de Corinto, que lhe educou como um príncipe.

Édipo cresce e torna-se adulto. Ansioso por conhecer sua verdadeira origem, dirige-se ao mesmo Oráculo e este lhe aconselha a que nunca volte à sua pátria, porque estava predestinado a matar seu pai e casar-se com sua mãe.

Como não sabia de sua verdadeira procedência e convencido que sua pátria era Corinto, foge dali. Édipo recorda-se: “Apolo disse um dia que eu me casaria com minha própria mãe e derramaria o sangue de meu pai. Eis aí porque resolvi, há muitos anos, viver longe de Corinto... Tive razão; mas é tão agradável contemplar o rosto de nossos pais!” No caminho, na encruzilhada de Pótnias, Édipo encontra Laio, seu verdadeiro pai, que vinha em uma carruagem no

² O mito de Édipo que aqui sintetizamos foi extraído da tragédia de Sófocles (1990) “Édipo Rei” e do texto que Freud (1900, v. IV,) elabora na “Interpretação dos Sonhos”.

sentido contrário. A comitiva real quis afastá-lo do caminho, mas Édipo usando seu “terceiro pé”, o bastão, que permitia que um aleijado ficasse erguido, feriu mortalmente o cocheiro e o rei, golpeando-lhe duas vezes. Como ignorava sua verdadeira identidade, acabou matando o pai na disputa. “Uma parte do Oráculo de Delfos estava cumprida. Faltava a segunda para formar o *sýmbolon*³, o ‘encaixe’.” (BRANDÃO, 1987: 246)

Édipo prossegue a viagem. Tebas era uma cidade assolada por um grande flagelo. Um monstro, a Esfinge, postada no monte Fíqueon, às portas da cidade, devorava todos que queriam passar, porém não decifravam o enigma: “*Qual é o animal que possuindo voz, anda, pela manhã, em quatro pés, ao meio-dia, com dois e, à tarde, com três?*” Mas Édipo responde corretamente: “é o Homem”. Derrotada, a Esfinge precipita-se no abismo.

Os tebanos, agradecidos o coroam rei e lhe concedem a mão de Jocasta. Da união nascem dois filhos e duas filhas e seu reinado transcorre em paz e harmonia durante vários anos até que uma peste começa a assolar Tebas.

Novamente o Oráculo entra em cena, pois os tebanos decidem consultá-lo em busca de uma solução para seus males. Apolo declara que a peste só terá fim quando o assassino de Laio fosse exilado. Pouco a pouco Édipo vai descobrindo que é ele mesmo o verdadeiro assassino do rei de Tebas, seu pai. Horrorizado pelos crimes que sem saber cometeu, arranca seus próprios olhos e foge da sua pátria.

Chama-nos a atenção o caráter universal no mito de Édipo. De uma ou de outra maneira, em todas as culturas da terra encontramos um mito onde está latente o tema da proibição do incesto.

Freud explica que “Édipo Rei” continua comovendo o homem moderno tão profunda e intensamente como aos gregos contemporâneos de Sófocles. Segundo ele, o efeito trágico da obra grega

³ Etimologicamente a palavra símbolo vem do grego *sýmbolom*, do verbo *symbállein*, “lançar com”, arremessar, ao mesmo tempo, “*com-jogar*”. De início, símbolo era um sinal de reconhecimento: um objeto dividido em duas partes, cujo confronto, permitia aos portadores de cada uma das partes se reconhecerem.

reside principalmente no fato de que “entranha algo que fere em todo homem uma íntima essência natural”.

Se o destino de Édipo nos comove é porque poderia ter sido o nosso e porque o oráculo colocou a maldição sobre nossa cabeça antes mesmo de nascermos.

[...] O rei Édipo, que matou seu pai e casou-se com sua mãe, não é mais que a realização de nossos desejos infantis. (FREUD: 1916-17, v. XVI)⁴

Freud assinala que, como Édipo, vivemos na ignorância daqueles desejos imorais que a Natureza nos impôs, e ao descobri-los gostaríamos de desviar o olhar das cenas da nossa infância.

Desde os primeiros textos, Freud afirmava a universalidade de Édipo, tese que posteriormente se irá reforçando. “Todo ser humano tem imposta a tarefa de dominar o complexo de Édipo (FREUD:1901-05, v. VII)” escreve em “Três ensaios para uma teoria da sexualidade”. Para o autor, o complexo de Édipo possui um caráter fundador, como se conclui da hipótese do assassinato do pai da horda primitiva considerado como a origem da humanidade. O “pai primitivo” voraz e sexualmente polimorfo, o patriarca da “horda primitiva” foi confrontado e morto pelos filhos e assim instaurou-se o tabu contra o incesto, a pedra fundamental de todas as proibições morais e culturais. Em nota de rodapé da edição de 1920 dos “Três ensaios...” Freud deixou claro que o Complexo de Édipo é a pedra fundamental permanente em que se ergue o edifício da psicanálise.

Há alguns elementos no mito de Édipo que nos permitem confirmar este caráter universal da tragédia que é a de todo ser humano, a de todo homem e toda mulher. Começemos pelo nome do protagonista, o herói do relato mítico. Segundo Marie Delcourt,

⁴ A partir deste momento, todas as referências aos textos de Sigmund Freud utilizados pela autora pertencem a uma edição publicada em CD rom pela Editora Imago de suas Obras Completas. Portanto, as mesmas estarão referidas ao volume em que se encontram e ao ano de sua primeira publicação. Não constam, em virtude da mídia, as respectivas páginas.

Édipo, em grego, *Oidípus*⁵, compreenderia *dipus*, dois pés. (DELCOURT, 1981: 19) Baseando-nos nesta afirmação podemos dizer que Édipo sintetiza com seu nome o ser que caminha sobre dois membros, portanto, o que não é um animal. Melhor dizendo, seu nome metaforiza a humanidade em oposição à animalidade, pois o bipedismo é um dos elementos constituidores da evolução dos primatas ao *homo sapiens*.

Esta palavra – Édipo – ganha sua maior dimensão confrontada com o episódio da Esfinge e o enigma que ela propõe. Esfinge (*sphínks*, em grego) é o substantivo de *sphínguein*, “envolver, apertar, comprimir, sufocar”. Esta aproximação etimológica contribuiu para fazer da Esfinge um monstro opressor, devorador, um pesadelo horrível.

Temos, pois, um elemento importante no texto mítico: um sonho terrível, assustador e violento. Tal *sonho* propõe um enigma. Recordemos: “*Qual é o animal que, possuindo voz, anda pela manhã com quatro pés, ao meio-dia com dois e pela tarde, com três?*” Para nós, trata-se de um enigma concebido de forma muito simples, mas que em sua leitura revela uma riqueza surpreendente. Começa assinalando que é “um animal que possui voz”, isto é, aquele que fala. Convergem aqui dois elementos significantes: a animalidade de um lado e a linguagem do outro. Qual é o ser que reúne estas duas características?

Em seguida, de forma sintética, nomeia um relato para a espécie humana: a infância, a idade adulta e a velhice. Unindo as três idades, um elemento comum: os pés. Isto que nos segura na terra, que nos sujeita no mundo, que também é o nosso contato com a matéria, isto que, graças à gravidade, nos mantém imantados a ela, mas que possibilita nosso deslocamento, desenvolvimento e evolução.

Por outra parte, os quatro pés invocados no início do enigma remetem a um estágio animal, da mesma forma que os três pés do final (um deles é uma metáfora, pois trata-se do báculo ou bastão) insinuam a sabedoria que é fruto da experiência adquirida ao longo da

⁵ O significado literal de *Oidípus* é “dois pés inchados”.

existência. O ser humano não pode caminhar, não pode se desenvolver sem sabedoria, parece nos lembrar constantemente o enigma. Por outro lado, o terceiro estágio, o do bastão, o terceiro pé, nos evoca o vértice superior do triângulo, da triangulação edipiana⁶.

Édipo decifra corretamente o enigma proposto pela Esfinge. Responde que este ser é o homem, nomeando assim sua própria espécie. Recordemos que, *Oidípus* (Édipo) traz em seu núcleo *dípus*, “dois pés”, desta maneira, o nome próprio do herói sintetiza a característica comum da nossa espécie, que é a chave do enigma. Édipo ficou deformado por causa dos pés atados na sua infância e, por isto, caminhava com um bastão. O herói encarna, desta forma, os três estágios da vida humana. Deve ter-se arrastado por longo tempo, na infância, sobre os quatro membros e mesmo na idade adulta não conseguia manter-se de pé. Édipo consegue vencer a Esfinge. Ele é a resposta, encarna o pesadelo, é a síntese do desejo mais proibido da humanidade. Qual pode ser? O do incesto.

Observamos na tragédia de Sófocles a presença da palavra verdadeira, aquela que está acima dos homens e de suas ações. Ela vem personificada no Oráculo de Delfos. Aconteça o que acontecer, façam o que fizerem, os personagens deste relato sempre estarão regidos por esta palavra.

Tomemos como exemplo a previsão do Oráculo nas palavras do próprio Édipo. “que eu deveria ter relações com minha mãe e que mostraria aos homens uma descendência insuportável de entender” (SÓFOCLES, 1990: 211, tradução nossa) Neste sentido, o ato incestuoso que cometeu Édipo, isto é, a transgressão da lei, serve de experiência a todos os seres humanos mostrando conseqüências, insuportáveis para o entendimento, para a consciência. Édipo é o drama original onde o indivíduo caminha para aceder ao simbólico.

Parece-nos oportuno recordar, a este respeito, uma reflexão de Lacan a propósito do Complexo de Édipo: “Em que se converte o sujeito neste drama no qual se encontra? Tal e como nos descreve a

⁶ Referimo-nos aqui à tríade pai, mãe e filho, sendo o pai, ou a função paterna equivalente, o que ocupa o lugar terceiro, vértice superior de um triângulo simbólico.

dialética freudiana, é um pequeno criminoso. Entra na ordem da lei pela via do crime imaginário.” (LACAN, 1994: 212, tradução nossa)

O crime imaginário cometido por todos humanos já havia sido anunciado pela própria Jocasta dirigindo-se a Édipo: “Tu não tenhas medo dos namoros com tua mãe, pois, neste sentido, uma infinidade de mortais já se deitou em sonhos com sua progenitora, mas quem não valoriza nada estes fatos é quem melhor leva a vida.” (SÓFOCLES, 1990: 218, tradução nossa)⁷ O personagem testemunha não só o desejo infantil de todos mortais, como o fato de viver na ignorância deste desejo inconsciente ser a saída mais fácil e menos dolorosa para a consciência. Em outras palavras, a realização deste desejo obscuro é insuportável para o ser humano desperto.

A tragédia mostra que a felicidade não anda ao lado do conhecimento. De fato, a maioria das definições de Freud associa a felicidade a algum estágio pré-histórico, regressivo, semelhante ao paraíso ou a algum nirvana perdido. O preço que pagamos pelo progresso da civilização, lembra Freud (1927-1931, v. XXI,), “é uma perda da felicidade pela intensificação do sentimento de culpa.” É o coro da tragédia que anuncia o lugar da felicidade absoluta que espera cada um dos mortais:

E desde então, o nosso alívio único será aquele que dará a todos o mesmo fim, na hora de chegar de súbito o destino procedente do tenebroso reino onde não há cantos nem líras, onde não há danças- ou seja, a Morte, epílogo de tudo. *Melhor seria não haver nascido*; como segunda escolha, bom seria voltar logo depois de ver a luz à mesma região de onde se veio. (SÓFOCLES, 1990, 227, tradução nossa)

Nestas palavras vemos como o coro sinaliza as duas formas derradeiras de alívio para o ser humano, seus últimos desejos: por um lado, a realização plena de sua pulsão de morte (a felicidade da suprema quietude) e, por outro o *regressus ad uterum*, ou o retorno ao

⁷ Esta foi uma passagem no mito que, segundo Dorado (1990: 218) parece ter influenciado muito Freud.

útero materno (a felicidade do completo isolamento). Porém o texto mítico resolve a questão de Édipo de outra maneira: nosso herói é obrigado a vagar, sem olhos e sem pátria. Nem o conforto da morte, nem o retorno incestuoso ao útero. Édipo ensina ao espectador que o ato de desejar supõe não satisfazer o desejo. Porque somos humanos, desejamos. E enquanto vivermos e despertarmos cada manhã, seguiremos desejando, apesar de saber que a satisfação absoluta do desejo não será jamais alcançada. É o desejo o que nos marca profundamente como seres falantes.

“Talvez já estamos preparados para admitir que a falta é aqui o principal desejo, se admitimos que esta é igualmente a característica da ordem simbólica”, reflete Lacan (1994: 193).

O “três” como número simbólico

O número três é outro elemento poderoso nesta narrativa. No início da tragédia de Sófocles há um esclarecimento ao espectador/leitor sobre o cenário: “A ação passa-se em Tebas (Cadméia), diante do palácio do rei Édipo. Junto a cada porta há um altar, a que se sobe por três degraus.” (SÓFOCLES, 1990:179) Em suma, para que o sujeito situado diante deste texto possa aceder ao lugar de Édipo, aprender e vivenciar suas experiências, é preciso galgar três estágios. O lugar terceiro na lógica da estrutura do Complexo de Édipo é o lugar da Lei. O três é o cúmulo absoluto do todo, o ápice, um lugar sagrado ou supremo a se alcançar, tanto na Mitologia Grega, quanto na tradição judaico-cristã.

Lendo atentamente a tragédia de Sófocles percebemos que o Oráculo aparece três vezes em cena: com Laio, ao prever sua morte e o incesto do filho; na consulta de Édipo a Delfos, a pitonisa prevê o parricídio e o seu incesto e, finalmente, na consulta de Creonte quando dá a solução para a peste tebana. Portanto, esta palavra é verdadeira, não fracassa, se cumpre, é Lei.

O Oráculo de Delfos na Mitologia Grega é um ponto nuclear, central, considerado o “umbigo do mundo” (*omphalós*). Este é um elemento importante no texto mítico, pois é lugar de onde partem ou para onde convergem os personagens e seus anseios. Neste sentido é

uma espécie de nó ou miolo do labirinto, ponto nuclear e de ignição do texto mítico.

Para Eliade, “todo microcosmos, toda região habitada, tem o que poderia chamar-se um “centro”, isto é, um lugar sagrado por excelência. (ELIADE, 1974: 42). Em “todo lugar sagrado, todo lugar que manifestava uma interseção do sagrado no espaço profano, se considerava também como “centro”. (ELIADE, 1974:54, tradução nossa).

O autor sugere, ainda, que “só nas culturas que conhecem a concepção das três regiões cósmicas – Céu, Terra, Inferno – o ‘centro’ constitui um ponto de interseção das mesmas. Aqui é onde resulta possível uma ruptura de nível e, ao mesmo tempo, uma comunicação entre estas três regiões.” (ELIADE, 1974: 43). Em Delfos, está latente a idéia de labirinto, pois ocultam-se três níveis em um mesmo espaço, mas todos confluem para um lugar central.

O oráculo de Delfos era considerado o útero ao qual se acedia ao *omphalós*. Segundo a Mitologia Grega, a sacerdotisa Pítia descia a uma cavidade na terra, ao “útero” do oráculo de Delfos, para tocar o *omphalós*, antes de responder à pergunta dos consulentes.

O Oráculo de Delfos no mito de Édipo é, portanto, a ponte que liga os três níveis cósmicos. É o nó onde os destinos se entrelaçam e se amarram e é o umbigo para onde convergem todos os questionamentos a respeito da existência humana. Em suma: *Quem sou eu? De onde vim? E para onde me conduz o destino?*

Édipo mata seu pai, Laio, em um trívio (encruzilhada de três caminhos). Segundo Brandão, (1987: 277) “como toda e qualquer cavidade (antro do dragão, inferno) o trívio é o símbolo do inconsciente e a luta que ali se trava é a projeção de um combate que se desencadeia no inconsciente de Édipo.” O parricídio ocorre onde três trajetos se encontram, realizando um desejo infantil inconsciente, terrível.

A arma do crime é o bastão, o terceiro pé. Este instrumento está aí presente porque o adversário do herói o havia mutilado no passado. Coxo, Édipo precisa do apoio para ficar de pé e caminhar. O cajado, símbolo da sabedoria que traz a terceira idade, neste mito revela uma sabedoria precoce: a de um crime infantil, aquele

escondido na infância de todo homem, de todo ser que fala e que caminha sobre duas pernas.

Vale à pena recordar que Jocasta havia narrado que seu filho nem bem havia cumprido três dias e seu pai lhe amarrara os pés entregando-o a desconhecidos. Notamos como os três dias estão intimamente ligados aos elementos pés, aos *dois* pés atados. Podemos refletir que a condição humana (dois pés) é inseparável do simbólico representado aqui pelo terceiro pé, o bastão que possibilita a caminhada futura.

A lei, a palavra e o desejo

Este relato é exemplar para situar a reação da fantasia a estes sonhos típicos, o horror ao incesto, assim como o castigo ao delinqüente que este se impõe por sua própria mão. O mito de Édipo, e sua releitura a partir de Freud e, posteriormente Lacan, inaugura toda uma reflexão sobre a consciência humana, a Lei, a palavra e o desejo.

Observamos que na tragédia de Sófocles, a palavra verdadeira, aquela que está acima dos homens e de suas ações, surge do Oráculo. Édipo foi descrito por Nietzsche (2006) como “o personagem mais sofrido da cena grega”. Ele vai tecendo minuciosamente seu destino com os mesmos fios com os quais pretendia evitá-lo. Mas Édipo é como Jó, um homem destinado a suportar a dor do mundo.

Tomemos como exemplo a seguinte previsão do Oráculo na expressão do próprio Édipo: “que eu iria ter relações com minha mãe e que mostraria aos homens uma descendência insuportável de entender”. Em outras palavras, o ato incestuoso que cometeu Édipo, isto é, a transgressão da lei, serve de experiência a todos os seres humanos mostrando suas conseqüências, insuportáveis para o entendimento, para a nossa consciência. Édipo é o drama original onde o indivíduo vive o prazer de haver experimentado as delícias do paraíso imaginário, o horror e a angústia de vivenciar o real e, finalmente, encontra o sentido ao aceder ao simbólico.

Parece-nos oportuno recordar, a este respeito, uma citação de Lacan: “Em que se converte o sujeito neste drama no qual se

encontra? Tal como nos descreve a dialética freudiana, é um pequeno criminoso. Entra na ordem da lei pela via do crime imaginário.” (LACAN, 1994: 212, tradução nossa)

No final da tragédia, Édipo descobre que havia assassinado o pai e casado com sua própria mãe, cumprindo assim o que predisse o Oráculo, fecha-se, encaixa-se o *sýmbolon*. O assassinato do pai e o incesto abatem-se sobre a cabeça do herói tebano. Um emissário nos relata o ocorrido:

Édipo toma seu manto [de Jocasta morta], retira dele os colchetes de ouro com que o prendia, e com a ponta recurva arranca das órbitas os olhos, gritando: “Não quero mais ser testemunha de minhas desgraças, nem de meus crimes! Na treva, agora, não mais verei aqueles a quem nunca deveria ter visto, nem reconhecerei aqueles que não quero mais reconhecer!” Soltando novos gritos, continua a revolver e macerar suas pálpebras sangrentas, de cuja cavidade o sangue rolava até o queixo e não em gotas, apenas, mas num jorro abundante. (SÓFOCLES, 1990: 229, tradução nossa)

Poderíamos pensar que o gesto mais extremo para a descoberta do próprio incesto seria a automutilação dos genitais. Mas o ato de arrancar os olhos é pleno de sentido. Foi através do olhar que Édipo desejou Jocasta pela primeira vez, como ocorre com toda criança em relação à sua mãe, objeto absoluto do seu desejo, imagem de esplendor. E desejou, ainda, ver o pai baixar aos infernos. Com a face ensangüentada lamenta: “Pois não sei com que olhar ou com que olhos havia dirigido a vista ao meu pai no dia em que baixou ao Hades, nem tampouco à minha sofrida mãe. Contra ambos cometi ações que não se pagam nem com a força.” (SÓFOCLES, 1990: 233, tradução nossa)

A cegueira de Édipo pode ser relacionada com outro personagem da tragédia, Tirésias. Graças a um poder que lhe deu Zeus, após ter seus olhos arrancados por Hera, Tirésias profere a verdade. O adivinho é autor de sentenças lapidares em seu diálogo com o Édipo: “Afirmo que és tu o assassino que buscas encontrar”;

“Afirmo que te é ocultado que tens um trato, o mais infame com os seres mais queridos, e que não tens idéia de que tremenda infâmia estás metido”; “Creonte não representa nenhum perigo para ti, mas o único perigo teu és tu”. ((SÓFOCLES,1990:233, tradução nossa)

As frases proferidas mostram a sabedoria relacionada à ausência de olhar. Da mesma forma que a presença da cegueira relaciona-se em ambos os personagens com a terceira etapa da vida, na qual o ser humano caminha com três pés. Outro grande autor de tragédias, o grego Ésquilo tinha fé na justiça dos deuses, mas aceitava que só pelo caminho do sofrimento se chega ao conhecimento. “Pela dor à sabedoria”. (ÉSQUILO, 2004: 179)

O mito de Édipo nos leva a refletir sobre a questão do olhar como órgão de desejo e a refletir sobre a visão, que é uma mirada com “os olhos” do inconsciente.

A visão, oposta ao olhar, não pertence ao campo das imagens, pois para operar-se, cristalizar-se, não precisa dos olhos, órgãos do olhar, inclusive diríamos que é melhor prescindir deles. Este é um dos grandes legados do mito de Édipo:

[...] o Édipo glorioso do principio da obra cegava com seu intenso resplendor aos espectadores, induzindo-os a interpretar a vida ilusoriamente, ao contrário o Édipo cego do final é o que de verdade emite uma diáfana luz ao público, que, graças a ela, acerta a ver o verdadeiro alcance e limites da condição humana. (DORADO, 1990: 183-184)

O resplendor do objeto absoluto do desejo cega, engana, ofusca, pois pertence ao terreno do imaginário. Ao contrario, a luz diáfana, por sê-lo, nos permite ver o fundo, a verdade. Ela nos brinda com a visão.

Esta é, no nosso entender, a passagem do olhar à visão: a mudança que se processa nos espectadores da obra de Sófocles ao contemplar o Édipo deslumbrante do início e o Édipo cego do final. Para nós, esta dimensão da visão pertence ao terreno do simbólico.

Uma palavra simbólica é mais que signo, porque está sustentada em um relato, enquanto palavra fundadora, mítica, verdadeira. Esta dimensão é a do inconsciente, espaço estruturado como Linguagem

O desenlace da tragédia de Édipo conduz a uma derrota no campo do imaginário e uma vitória no terreno do simbólico. Mas esta é a sina de todo herói. No final, o rei de Tebas encontra-se com a dimensão simbólica da palavra, ao enfrentar-se com a verdade alcança sua condição humana, algo que já estava gravado indelevelmente no seu nome.

A palavra dos/nos mitos nos possibilita ver, isto é, tocar o âmago do ser e descobrir o nó, o *omphalós*, o seu centro. No relato mítico nos identificamos com a trama, porque vemos representados nossos conflitos interiores e desvendados nossos enigmas mais ocultos. A palavra mítica nos transporta, tal qual um oráculo, ao encontro inexorável com nosso destino humano onde a verdade nos aguarda.

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA.

BRANDÃO, Junito de Sousa. **Mitologia Grega**. 3 v. Petrópolis: Vozes, 1987.

DELCOURT, Marie. **Oedipe ou La Légende Du Coquérant**. Paris: Les Belles Letres, 1981.

DORADO, José Vera . «Introducción a “Edipo Rey”», en **Sófocles, Tragedias Completas**, Madrid: Cátedra, 1990.183-184.

ÉSQUILO, SÓFOCLES, EURÍPEDES. **Obras Completas**. Madri: Cátedra, 2004.

ELIADE, Mircea. **Mito y Realidad**. Madrid: Guadarrama, 1973.

_____. **Imágenes y Símbolos**. Madrid: Taurus, 1974.

ELIADE, Mircea; LEENHART, Maurice. **Do Komo, la personne et le mith dans le monde mélanésien**. Paris: Gallimard, 1947.

FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud**. 23 v. <CD ROM> Rio de Janeiro: Imago, 1999.

GONZÁLEZ REQUENA, Jesús. Palabra versus signo. **Trama y Fondo**, Madri, nº 5, p. 7-28, dezembro. 1998.

LACAN, Jacques. **O seminário, Livro 2, o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

_____. **El seminario, Livro 4, La Relación de Objeto**. Barcelona: Paidós, 1994.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural**. Barcelona: Paidós, 1992.

NIETZSCHE, Friedrich. **O Nascimento da tragédia ou Helenismo e Pessimismo**. São Paulo: Cia das Letras, 2006.

SÓFOCLES. **Tragedias Completas**. Madri: Cátedra, 1990.